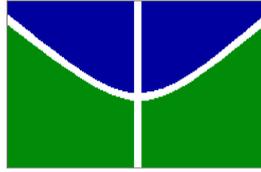


UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES E
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE O REFLEXO DA
MÍDIA TELEVISIVA EM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

JULIANA LOURENÇO DA SILVA MACEDO CARVALHO

**BRASÍLIA,
DEZEMBRO/2013**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

JULIANA LOURENÇO DA SILVA MACEDO CARVALHO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES E
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE O REFLEXO DA
MÍDIA TELEVISIVA EM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como um dos requisitos
para conclusão do Curso de Pedagogia, da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Siqueira
Cerqueira.

BRASÍLIA,

DEZEMBRO/2013

CARVALHO, Juliana L. da S. M.

Representações Sociais de estudantes e profissionais da educação sobre o reflexo da Mídia Televisiva em crianças da Educação Infantil. 69p. Brasília, 2013.

Monografia – Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2013.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira.

1. Representações Sociais. 2. Televisão. 3. Educação Infantil.

JULIANA LOURENÇO DA SILVA MACEDO CARVALHO

**REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ESTUDANTES E
PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO SOBRE O REFLEXO DA
MÍDIA TELEVISIVA EM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada como um dos requisitos
para conclusão do Curso de Pedagogia, da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Siqueira
Cerqueira.

Brasília, 06 dezembro de 2013

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Sinara Pollom Zardo

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Fátima Lucília Vidal Rodrigues

Examinadora

Prof.^a Dr.^a Maria Alexandra Militão Rodrigues

Suplente

Dedico este trabalho aos meus pais e ao meu irmão, principais responsáveis por tudo o que sou e maiores incentivadores para as minhas conquistas. Aos familiares e amigos, pelo apoio nas minhas decisões e por compartilharem momentos especiais. Aos professores presentes em toda a minha trajetória acadêmica, grandes mestres que me deram a base para construir uma carreira digna e profissional.

Pelo apoio e amor incondicional, agradeço aos meus pais e ao meu irmão. Aos familiares, amigos e colegas de curso, pela compreensão e pelo incentivo no decorrer dos momentos mais complicados. À professora Teresa Cristina, pelo respeito, amizade e orientação em todo o percurso universitário. Às professoras Fátima Rodrigues e Sinara Zardo, pela disposição e generosidade em participar da banca examinadora deste trabalho.

“[...] a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e família o processo educacional, tornando-se um importante agente de formação [...]”.

(BACCEGA, 2000, p.95)

Apresentação

Este trabalho de conclusão de curso, referente às representações sociais de estudantes e profissionais da área da educação sobre o reflexo da mídia televisiva na educação infantil, está dividido em três unidades interligadas.

A primeira traz o memorial educativo da pesquisadora, onde relata, brevemente, a sua trajetória acadêmica, descrevendo acontecimentos considerados relevantes para a sua formação pessoal e profissional.

A segunda é composta pelo desenvolvimento da monografia. Nela consta: introdução do tema; capítulos um e dois com referencial teórico sobre Representações Sociais e Televisão e Educação Infantil; metodologia de pesquisa utilizada para realizar a apreciação do material pesquisado; análise dos resultados; e, ao término, considerações finais.

Por fim, na terceira unidade, a pesquisadora reflete sobre as suas perspectivas profissionais após o término da atual graduação, a fim de saber como a formação pedagógica recebida influenciará em sua trajetória de vida futura.

Resumo

Apesar dos avanços tecnológicos cada vez mais constantes no século atual, a televisão ainda ocupa lugar significativo no cotidiano da sociedade. Em relação ao público infantil, o meio de comunicação é considerado, junto com a família, a escola e os demais agentes sociais, responsável por influenciar no desenvolvimento de suas falas e atitudes. Esta pesquisa, realizada com base em uma abordagem qualitativa e por meio de questionários e entrevistas, teve como objetivo verificar e analisar as representações sociais de estudantes universitários do curso de Pedagogia, professores da Secretaria de Educação do Distrito Federal e professora especialista na área Comunicação e Educação quanto à influência da mídia televisiva, especialmente dos desenhos animados, em crianças da Educação Infantil. Os resultados indicaram que estudantes e profissionais da área da educação preocupam-se, fundamentalmente, com a necessidade de uma programação educativa mais adequada, que estimule, dentre outros aspectos, a criatividade e a socialização. Nesse sentido, conclui-se, diante da pesquisa realizada, que os educadores, pais e responsáveis precisam se informar sobre os interesses das crianças para, a partir disso, refletir criticamente junto a elas, de modo que possam ser direcionadas a assistirem programas com conteúdos apropriados à faixa etária e isso se torne reflexo no processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: representações sociais, televisão, educação infantil.

Abstract

Despite the constant technological advances in the current century, television still plays a significant role in the everyday life of society. In what concerns children, the media, along with family, school and other social agents, is considered responsible for influencing the development of their speech and attitudes. The present research, conducted based on a qualitative approach through questionnaires and interviews, aimed to examine and analyze the social representation of university students of pedagogy and teachers from the Education Department of Distrito Federal, as well as a teacher specialized in the field of communication and education, in relation to the influence of the television media – specially cartoons – over early childhood education. The results showed that students and professionals in the field of education are mainly concerned with the need for a more appropriate educational television programming that encourages, among other aspects, creativity and socialization. In this regard, the research leads to the conclusion that educators, parents and caregivers need to inform themselves about children interests, in order to critically reflect on that matter with them, so that they can be led to watch shows that are appropriate for their age group, in a way that impacts the teaching and learning process.

Key words: social representation, television, children education.

SUMÁRIO

Memorial Educativo	10
Introdução	16
Capítulo 1 – Representações Sociais	18
Representações Sociais e os Meios de Comunicação	20
Capítulo 2 – Televisão e Educação Infantil	23
Televisão: mídia de maior audiência social	23
Criança e Educação: a formação da infância	25
Televisão e Educação: o que o meio oferece	26
Programa educativo infantil: a participação da criança na televisão.....	30
Televisão e o imaginário da criança: o lúdico na evolução da personalidade.....	32
Metodologia	34
Análise dos Resultados	37
Resultados obtidos nos questionários aplicados a estudantes do curso de Pedagogia.....	37
Resultados obtidos nas entrevistas realizadas com educadoras atuantes na Educação Infantil	43
Resultados obtidos na entrevista realizada com professora especialista em Comunicação e Educação	48
Considerações Finais	51
Perspectivas Profissionais	53
Referências Bibliográficas	54
Apêndices	58
Apêndice A	59
Apêndice B	60
Apêndice C	61
Apêndice D	62
Apêndice E	63
Apêndice F.....	64
Anexos	65
Anexo I	66
Anexo II.....	67
Anexo III.....	68
Anexo IV	69

MEMORIAL EDUCATIVO

Nasci em Brasília em 18 de janeiro de 1990, cidade onde desenvolvi toda a minha trajetória acadêmica e resido até hoje. Meu histórico escolar costumou seguir o mesmo roteiro do meu irmão, três anos mais velho, e teve como base instituições religiosas e privadas.

Aos quatro anos iniciei a minha rotina escolar no Colégio São Camilo. A escolha pela instituição se deu pelo fato de os meus pais optarem por um local onde o meu irmão e eu tivéssemos a oportunidade de uma formação com base equilibrada e religiosa. Professores acolhedores, escola agradável. Em 1996, depois de três anos nessa instituição (até a, então, pré-escola), devido à mudança de residência, tivemos que deixá-la. No entanto, os laços de amizade com colegas e professores se estenderam. Principalmente pela relação de proximidade estabelecida com os funcionários, mesmo após anos sem vê-los, ainda nos reconhecem quando os encontramos. Esse tipo de situação aconteceu em um aniversário infantil há alguns anos. A professora que me deu aula no segundo período da educação infantil estava presente e, ao me reconhecer, chamou-me por apelido carinhoso e fez questão de comentar com todos ao redor que eu havia sido aluna dela quando criança.

Com a necessidade de mudar de escola, seguimos para o Colégio Imaculada Conceição, hoje chamado Colégio Passionista Imaculada Conceição. Também de cunho religioso, fator que acredito que, mesmo após a fase de adaptação a uma nova rotina e a própria alfabetização, contribuiu bastante para a minha atual concepção a respeito do mundo e da minha própria educação, essa escola proporcionou grandes experiências. Por ser uma instituição onde estudavam alunos até a, então, 8ª série do Ensino Fundamental, a convivência com crianças e adolescentes de diversas idades auxiliou, principalmente, no processo de socialização com as demais pessoas. Permaneci nessa escola até a 4ª série do Ensino Fundamental, em 1999.

Apesar de ter passado cerca de 15 anos que saí de lá, é impossível esquecer a importância que os professores tiveram para a minha formação pessoal e profissional. Tanto as quatro educadoras que convivi diretamente, quanto as demais

da instituição sempre demonstravam preocupação com o desenvolvimento de cada aluno. Além de manter contato com algumas delas através das redes sociais, há alguns meses reencontrei uma professora que deu aula apenas para o meu irmão, mas mesmo assim, reconheceu-me e se aproximou para perguntar como estávamos, demonstrando o mesmo afeto de anos atrás. São atitudes como essa que marcam a nossa trajetória e nos fazem perceber o quanto a relação estabelecida com o outro se torna importante em qualquer ocasião.

Em 2001, a partir da 5ª série do Ensino Fundamental, mesmo com o comodismo causado por um grande período em uma mesma escola, a minha família e eu achamos necessário seguir para uma instituição que orientasse melhor na relação entre a vida pessoal e a profissional. Após muitas pesquisas e visitas a escolas, optamos pelo Centro Educacional Leonardo da Vinci. Uma escolha que trouxe grandes oportunidades. Estudei lá por sete anos (até o 3º ano do Ensino Médio) e foi um lugar de onde eu carreguei valiosos ensinamentos e amizades. O fato de ser um colégio pequeno, com pouca infraestrutura, onde todos os funcionários e professores reconheciam todos os alunos, foi possível estabelecer uma relação bem próxima entre todos. A maioria dos educadores sempre muito atenciosos e amigos.

Algo que marcou foi o fato de, mesmo quando já estava no Ensino Médio, os professores que conheci durante o Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) vinham conversar, chamando-me por apelido e perguntando como a minha família e eu estávamos. Sempre preocupados com o nosso bem-estar e desenvolvimento. Lembro-me que costumava questionar: como pode um professor lembrar tanto de um aluno dentre milhares que tiveram durante os anos seguintes? E isso acontecia com todos. Outro fato é ter tido aulas com professores que também conheceram o meu irmão. Pelo sobrenome identificavam o parentesco e, frequentemente, perguntavam por ele. De certa forma, essa relação ocasionava comparação entre nós. Meu irmão sempre foi referência na escola, tanto pelo comportamento quanto pelo excelente rendimento. No entanto, não senti que isso tenha prejudicado o meu desenvolvimento, visto que possuímos modos de pensar e agir diferentes, características bem definidas para todos que conviveram com ambos.

Ainda no Leonardo da Vinci, pude conviver com pessoas com gostos e opiniões totalmente diferentes das minhas, aprender que nem sempre apenas o

próprio modo de pensar é o correto e, por isso, respeitar a todos independente de qualquer coisa. As amizades construídas nesse período permanecem até hoje e, sem dúvida, são aquelas com quem compartilho os melhores e piores momentos.

Em relação ao conteúdo, apesar de seguir os métodos mais tradicionais de ensino, também foi nesse centro educacional que adquiri os conhecimentos necessários para minhas escolhas profissionais. Ao começar a pensar sobre qual profissão seguir, a princípio pretendia cursar Direito, talvez por influência indireta de diversos familiares advogados, juizes, etc. Foi apenas no terceiro ano do Ensino Médio, em 2007, que mudei o meu ponto de vista. Por sempre ter me identificado com matérias voltadas para a escrita e leitura (Língua Portuguesa, Redação, Literatura, História) e após ter participado de orientações vocacionais e palestras sobre os cursos de ensino superior, decidi que prestaria vestibular para Comunicação Social e, provavelmente, escolheria seguir na área do Jornalismo.

No entanto, ainda participaria do Programa de Avaliação Seriada (PAS) da Universidade de Brasília (UnB). Ao conversar com a minha mãe, ela fez com que eu pensasse na possibilidade de escolher outro curso. Sua justificativa era de que eu sempre gostei de crianças, tinha muita paciência para ensiná-las e, portanto, seria uma boa oportunidade cursar Pedagogia. Pensei sobre as minhas alternativas e decidi, então, que tentaria os dois cursos, afinal, ambos me atraíam.

Em dezembro de 2007 fui aprovada no Centro Universitário de Brasília (UniCeub) para Comunicação Social e, no mês seguinte, obtive o resultado do PAS, onde fui selecionada em Pedagogia na UnB. Recebi a notícia com surpresa e, ao mesmo tempo, dúvida. Sem querer optar por uma das graduações, principalmente pelo receio de me arrependeu no futuro, escolhi fazer as duas.

Na Comunicação Social, a diversidade das disciplinas contribuiu, significativamente, para a minha formação. Até o terceiro semestre foram ministrados conteúdos de Jornalismo, Publicidade e Marketing. Desse período, destaco as disciplinas: Comunicação Integrada; Iniciação à Ciência; História da Comunicação; Teorias da Comunicação e Semiótica e Teoria da Linguagem; Estética e Cultura de Massa; Ética e Legislação em Comunicação. Cada matéria possibilitou adquirir uma visão ampla da importância da comunicação para a sociedade e como agir diante dos conflitos que surgem nessa área.

A partir do quarto semestre, cada aluno pode escolher qual a área de interesse para se especializar. No meu caso, mesmo tendo gostado de conhecer um pouco melhor sobre Publicidade e Marketing, decidi seguir o Jornalismo. Com o objetivo de abordar os diversos ramos de atuação de um jornalista, proporcionar experiências práticas e desenvolver o pensamento crítico dos alunos diante dos fatos, foram ministradas disciplinas como: Redação para Audiovisual; Redação para Mídia Impressa; Técnicas de Entrevista, Apuração e Reportagem; Fotojornalismo; Edição e Cobertura Jornalística, Radiojornalismo; Telejornalismo; Assessoria de Comunicação; Métodos e Técnicas de Pesquisa; Jornalismo Online; Jornalismo Político e Econômico; Crítica da Mídia.

No decorrer dos sete semestres de Comunicação Social, destaco a disciplina que mais proporcionou o contato direto com a realidade vivenciada pelos jornalistas: Jornal Laboratório. Realizada no final do curso e reconhecida por todo o campus do centro universitário, devido à confecção do jornal Esquina, distribuído para todos os cursos, a aula visa a experiência de uma redação jornalística, ou seja, os estudantes agem como repórteres, editores, fotógrafos, diagramadores e, no decorrer do semestre, são produzidos dois jornais impressos. Ela reúne todos os aprendizados adquiridos nas demais disciplinas do curso e possibilita, ainda, que o aluno saiba como agir diante das dificuldades encontradas pela profissão.

Outro fato ocorrido durante o curso de Comunicação Social foi a realização de estágio no Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), no período de agosto de 2010 a junho de 2011. Foi a minha primeira experiência profissional, onde pude verificar a atuação do jornalista em uma assessoria de comunicação. Ressalto como atividades relevantes, que contribuíram para a compreensão da prática jornalística, o contato com a imprensa, a edição de áudios das sessões plenárias e a elaboração de conteúdos para publicação nos veículos de comunicação do CNMP.

De 2008 a 2010, simultaneamente à Comunicação Social, cursei Pedagogia. Apesar das faculdades possuírem características distintas, tanto em relação aos recursos físicos quanto aos conteúdos ministrados, consegui me adaptar em ambas. Devido à quantidade de disciplinas das duas graduações, tive que priorizar algumas da Pedagogia e deixar as demais para quando concluísse a Comunicação Social.

Com a greve dos professores e funcionários da UnB em 2010 e a aproximação do término do curso de Comunicação Social, optei por trancar a graduação em Pedagogia por um ano, período que coincidiu com a realização do meu primeiro estágio. Ao retornar à UnB, em meados de 2011, realizei as disciplinas optativas e obrigatórias remanescentes.

Das disciplinas realizadas no decorrer do curso de Pedagogia, mesmo todas tendo significativa importância para a formação do pedagogo de ensino básico, posso destacar algumas que tiveram particular relevância, como: Perspectivas do Desenvolvimento Humano; O Educando com Necessidades Educacionais Especiais; Psicologia da Educação; Ensino e Aprendizagem da Língua Materna; Educação em Geografia; Orientação Educacional; Processo de Alfabetização; Formas de Expressão da Criança de 0 a 6 Anos; Criatividade e Inovação na Educação; Tópicos Especiais em Práticas Pedagógicas. Além delas, acrescento, ainda, as disciplinas optativas em que pude, de alguma forma, relacionar as minhas duas graduações: Oficina de Audiovisuais na Educação; Prática Mediáticas na Educação; Produção e Leitura de Imagem.

Não posso deixar de citar a fundamental relevância que os projetos curriculares tiveram no processo de escolha da área de interesse. A partir dos projetos 3 e 4, em todas as suas fases, foi iniciada a construção das ideias a serem abordadas. Por fim, após a realização dos projetos, cursei a disciplina Seminário sobre Trabalho Final de Curso, onde foi possível elaborar, com orientação da professora regente, um levantamento detalhado sobre o tema deste trabalho.

Em relação às práticas profissionais na área da Pedagogia, realizei, por dois meses, a observação da primeira fase do projeto 4 no 2º período de Educação Infantil do Jardim de Infância da 108 Sul, em 2012. Além disso, neste último ano de graduação, estagiei na Escola Superior do Ministério Público (ESMPU), no setor de Educação a Distância. Ambas as experiências possibilitaram que eu adquirisse maiores conhecimentos sobre a importante atuação do pedagogo em diferentes áreas de trabalho.

A rotina de cursar duas faculdades não foi fácil. No entanto, devido a tantas exigências, foi preciso que eu desenvolvesse melhor a minha responsabilidade e capacidade de organização. Sem dúvida, esse foi o período que considero de maior

amadurecimento pessoal. Além da convivência com pessoas de classes sociais e culturais bem diferentes, as experiências obtidas a partir de cada uma das graduações me proporcionaram aprendizados que, sem dúvida, serão válidos para qualquer situação.

Hoje, posso afirmar que os dois cursos, iniciados no primeiro semestre de 2008, foram as melhores escolhas que eu poderia ter feito. Percebi que ambos podem, e devem, relacionar-se de forma especial. Comunicação e Educação são áreas cada vez mais relevantes para a sociedade e é impossível não interligá-las. Diante disso, a escolha por pesquisar sobre um tema tão presente no âmbito escolar, que é a constante presença da mídia, especialmente televisiva, no cotidiano infantil.

INTRODUÇÃO

As brincadeiras de rua e os livros de histórias, por exemplo, não são mais as atrações de maior interesse das crianças de hoje. A mídia, cada vez mais, exerce forte influência na sociedade. Os meios de comunicação de massa são importantes na transmissão de diversas informações e atingem públicos de todas as idades. Devido ao fato de não distinguir corretamente a realidade da ficção, o público infantil tende a ser o mais influenciado. Esse é um dos argumentos de Bucci (2000) ao falar do papel da televisão no Brasil.

Apesar dos avanços tecnológicos da internet, a TV ainda é o meio de comunicação com maior alcance na sociedade e com o qual a criança mais se identifica. Quanto mais ausentes os pais na rotina diária e, quanto maior o isolamento, maior parece ser a influência da mídia sobre ela.

Durante a fase pré-escolar, a criança transmite com maior nitidez os conhecimentos adquiridos na convivência com as pessoas e com a mídia. Os programas infantis, filmes e desenhos, por mais simples que sejam, passam informações que chamam a atenção da criança. Ela grava na memória as atitudes vistas e, provavelmente, irá repeti-las em alguma situação.

No entanto, é possível observar que a mídia televisiva voltada ao público infantil é capaz de influenciar não só positivamente na aprendizagem, mas também de forma negativa no incentivo indireto ao consumismo. A criança, ainda em processo de assimilação do que é certo ou errado, vê a necessidade de ter aquilo que seu personagem favorito tem. Com isso, a importância do desenho na apresentação de fatos que auxiliem no ensino, choca-se com o excesso de publicidades que exploram o lado consumista da criança. A mediação daqueles que convivem diretamente com a criança torna-se, portanto, fundamental no contato com a mídia. Essa discussão é levantada por Távola (1998) ao refletir sobre a necessidade de uma leitura crítica sobre a televisão.

O tema, discutido em diversas áreas de estudo, atrai, em especial, a análise e preocupação de especialistas em educação, psicologia e comunicação social. Essas três vertentes, cada uma com seu foco no que diz respeito à influência da mídia na

educação infantil, unem-se para desvendar o que leva as crianças ao fascínio pelos programas televisivos.

Dessa forma, este trabalho visa, como **objetivo geral**, verificar e analisar as representações sociais de estudantes e profissionais da área da educação quanto à influência da mídia televisiva, especialmente dos desenhos animados, em crianças da educação infantil. Para isso, os **objetivos específicos** são:

- ♣ Identificar as representações sociais de estudantes, professores e especialista da área da educação sobre o reflexo da mídia televisiva em crianças da educação infantil;
- ♣ Verificar os aspectos positivos e negativos considerados por estudantes, professores e especialista da educação referentes à presença da mídia televisiva, especialmente dos desenhos animados, no cotidiano infantil;

Com base no exposto, o trabalho inicia com a discussão teórica sobre os dois principais temas abordados: Representações Sociais; Televisão e Educação Infantil.

CAPÍTULO 1

Representações Sociais

O estudo das representações sociais é fonte de grandes debates à procura de uma definição concreta e, principalmente, das especificidades nas quais o conceito dessa teoria pode se relacionar. Tendo como o maior precursor o psicólogo social Serge Moscovici, as representações sociais são motivos constantes de pesquisa devido à sua integração com os acontecimentos históricos e culturais que permeiam a sociedade.

De acordo com Spink (1993, p. 3), com base na definição do Dicionário Aurélio (FERREIRA *apud* SPINK), representação é o “conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento”. É a “reprodução daquilo que se pensa”. No entanto, na mesma fonte, representação também significa o “ato ou efeito de representar(-se)”.

A teoria das representações sociais tem como ponto de partida a obra *A psicanálise, sua imagem e seu público*, lançada em 1961 por Moscovici. A partir de então, vários teóricos procuram estudá-la, visando conseguir a melhor definição que represente tal teoria.

Sem conceituar, especificamente, o que seriam as representações sociais, devido à crença da necessidade de se acumular mais dados empíricos, Moscovici considera, segundo Patriota (2007), que a teoria une o psicológico e o social, tornando inseparável a tríade sujeito, objeto e sociedade. Moscovici critica o fato de muitos estudiosos considerarem apenas os processos psicológicos individuais. Para ele, não há separação entre “o universos interno do indivíduo e o universo externo a este” (2007, p. 2).

A fim de construir o conceito de representações sociais com enfoque na abordagem psicossocial, Spink (1993) traz a definição da psicóloga Denise Jodelet, considerada uma das principais colaboradoras de Moscovici. Segundo a psicóloga, são como forma de conhecimento que as representações sociais podem ser consideradas vertentes teóricas da Psicologia Social.

As representações sociais devem ser estudadas articulando elementos afetivos, mentais, sociais, integrando a cognição, a linguagem e a comunicação às relações sociais que afetam as representações sociais e à realidade material, social e ideativa sobre a qual elas intervêm (JODELET *apud* SPINK, 1993, p. 5).

Assim como Spink, Alves-Mazzotti (2008) destacou o papel das representações sociais. Para Alves-Mazzotti (2008, p. 1), “o estudo das representações sociais investiga como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para elastificar pessoas e grupos e para interpretar acontecimentos da realidade cotidiana”. Baseada no conceito sistematizado por Jodelet, Alves-Mazzotti diz que:

As representações sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal. Enquanto tal, elas apresentam características específicas no plano da organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p. 10).

Alves-Mazzotti comenta, também, que as representações sociais, através das relações com a linguagem, a ideologia e o imaginário social, além do seu papel na orientação de condutas e das práticas sociais, formam elementos essenciais para a análise dos mecanismos que interferem, dentre outros meios, na eficácia do processo educativo.

Considerando que as representações sociais são “elementos simbólicos que os homens expressam mediante o uso de palavras e de gestos”, Franco (2004, p. 2) comenta sobre a necessidade do desenvolvimento da consciência. Assim, para compreender as mensagens construídas socialmente, seria preciso conhecer as condições de contexto em que os indivíduos estão inseridos, por meio da realização de uma análise contextual. De acordo com a professora:

Na maioria das vezes, as representações sociais, refletindo o senso comum, são divulgadas pelos diferentes meios de comunicação e, conseqüentemente, absorvidas, sem uma reflexão mais crítica no que concerne aos fundamentos reais, concretos, históricos, científicos e teóricos que as embasam. Mas, para atingir essa reflexão mais crítica, é preciso que se efetue um sólido e consistente trabalho no sentido do desenvolvimento da consciência (FRANCO, 2004, p. 12).

Procurando definir uma estrutura teórica para as representações sociais, Moscovici (*apud* PATRIOTA, 2007, p. 6) caracterizou seus processos formadores:

objetivação e ancoragem. O primeiro seria a função “dar materialidade a um objeto abstrato”. O segundo seria atribuir um sentido para algo concreto que ainda não possui uma denominação. Assim, o motivo de se criar representações, para Moscovici, seria “transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar”.

Sobre as funções das representações sociais, Patriota (2007, p. 7) comenta sobre as duas citadas por Moscovici: colaborar com os processos de formação de condutas e nortear as comunicações sociais. De acordo com Patriota (2007, p. 5), “as representações implicam e, ao mesmo tempo, constroem saberes sociais. São formas de conhecimento que circulam nas sociedades orientando comportamentos e condutas”.

Dessa forma, segundo Oliveira (2004, p. 1), ao abordar a relação entre as representações sociais e a sociedade, Moscovici procurou analisar o impacto do conhecimento nas práticas sociais e vice-versa, não apenas compreender como ele é produzido. O seu interesse era voltado para o “estudo de como, e por que, as pessoas partilham o conhecimento e, desse modo, constituem sua realidade comum, de como eles transformam ideias em práticas” (MOSCOVICI *apud* OLIVEIRA, 2004, p. 1). O principal foco de observação de Moscovici era, portanto, voltado para o “poder das ideias” do senso comum.

Representações Sociais e os Meios de Comunicação

Ainda com base na origem das representações sociais, Gomes (2001) buscou expor a sua relação com a mídia, a fim de justificar as mudanças de atitudes nos sistemas de relacionamentos sociais. Segundo ele, na definição de Moscovici, a representação social se refere “ao posicionamento e localização da consciência subjetiva nos espaços sociais, com o sentido de constituir percepções por parte dos indivíduos” (2001, p. 1).

Ao relacionar as representações sociais com a comunicação, Moscovici (2001, p. 61) diz que “a revolução provocada pelos meios de comunicação de massa e a difusão dos saberes científicos e técnicos transformam os modos de pensamento

e criam conteúdos novos”. Nesse caso, os conteúdos referidos por Moscovici são as próprias representações sociais.

Dentro dessa concepção, Gomes (2001) comenta que, na análise de Moscovici, foi ressaltada a relação entre a forma como os indivíduos elaboravam explicações acerca de questões sociais com a difusão das mensagens pelos veículos de comunicação, dos comportamentos e da organização social. Segundo Gomes, o efeito dos meios de comunicação de massa nas relações sociais tende a modificar determinadas representações.

Com os avanços tecnológicos cada vez maiores e, conseqüentemente, o aumento e a facilidade no acesso às mídias, inúmeras e variadas informações são repassadas à sociedade, de forma que a interpretação social da realidade permaneça em constantes transformações. Para o jornalista, “o ser de hoje é diferente do de outras épocas. Ele muda porque tudo muda ao seu redor” (2001, p. 7). Conforme Gomes:

Os meios de comunicação de massa se tornam instrumentos fundamentais na produção da nova coesão social, exatamente porque lidam com a fabricação, reprodução e disseminação de representações sociais que fundamentam a própria compreensão que os grupos sociais têm de si mesmos e dos outros, isto é, a visão social e a autoimagem (GOMES, 2001, p. 6).

Baseado na perspectiva da representação social, Gomes afirma que a comunicação é o “fenômeno pelo qual uma pessoa influencia ou esclarece outra que, por sua vez, pode fazer o mesmo em relação à primeira” (2001, p. 8). Sob o conceito de Moscovici, no entanto, além de um reflexo do tipo de relações sociais que vigoram numa sociedade, a comunicação é, para Gomes, um “fenômeno básico e universal de influência recíproca” (2001, p. 8), pertencendo, através da difusão de conhecimentos, ao amplo processo da informação. Sobre as representações sociais e a comunicação, Moscovici acredita que:

A formação das representações sociais depende da qualidade e do tipo de informações sobre o objeto social que o indivíduo dispõe, do seu interesse pessoal sobre aspectos específicos do objeto e da influência social no sentido de pressionar o indivíduo a utilizar informações dominantes no grupo (MOSCOVICI *apud* GOMES, 2001, p. 13).

Gomes (2001, p. 13), de acordo com o pensamento de Moscovici, afirma que “as representações sociais se modificam ou se atualizam dentro de relações de comunicação diferentes”, sendo a mídia responsável pela organização de sistemas de comunicação que objetivam, além de comunicar, difundir ou propagar representações.

CAPÍTULO 2

Televisão e Educação Infantil

Televisão: mídia de maior audiência social

Durante a abordagem sobre a importância da televisão, Baccega (2000, p. 102) traz o pensamento de Bechelloni que, relacionado ao tempo e ao dinheiro, afirma existir três tipos de mídia.

As velhas mídias (livro, periódico, filme), que custavam aos fruidores tanto tempo como dinheiro; as novas mídias (o rádio e a televisão), que custam aos fruidores apenas tempo, pois o acesso a elas é gratuito; e as novíssimas mídias (o videocassete, a TV a cabo, o *pay per view*, o computador), que trazem também para o fruidor um custo em tempo e dinheiro (BECELLONI *apud* BACCEGA, 2000, p. 102).

Segundo Baccega (2000, p. 102), diante da linguagem utilizada e do acesso gratuito, os meios de comunicação como o rádio e a televisão têm a capacidade de atingir todas as classes sociais. Esse fator, de acordo com a autora, fez com que os veículos de comunicação se tornassem fontes de referência e, talvez, o recurso mais importante para o consumo cultural, visto que são neles que os fatos se tornam públicos.

Ao discutir sobre os meios de comunicação de massa, Bucci afirma que, no Brasil, a comunicação impressa é pouco expressiva. Segundo ele, o país se comunica pela televisão. “O Brasil se conhece e reconhece pela televisão e, praticamente, só pela televisão, que reina absoluta sobre o público nacional, com um peso muitas vezes superior aos outros veículos”, comenta Bucci (2004, p. 241).

Ainda sobre a grande presença da mídia televisiva na sociedade brasileira, Bucci diz que “a TV dá a primeira e a última palavra e, mais que isso, a primeira e a última imagem sobre todos os assuntos. Nesse monólogo audiovisual, o telespectador é o último a ser consultado e o primeiro a ser usado, comercializado ou mesmo ofendido” (2004, p. 242).

Com base nisso, Bucci critica que o telespectador não é respeitado, “se encontra a mercê do que as emissoras resolvem pôr no ar” (2004, p. 243). De acordo com o autor, é necessário fazer um exercício de pensar quais seriam os direitos dos telespectadores, a fim de visualizar a passividade a qual eles são submetidos. A partir disso, ele procura expor os principais direitos do telespectador:

1. Ser informado de modo independente, recebendo os dados necessários para que forme sua própria opinião;
2. Estar protegido do sensacionalismo que potencializa a violência e a criminalidade;
3. Ser respeitado em sua condição religiosa, sexual, étnica, ideológica ou de nacionalidade;
4. Escolher o que entra ou não entra na TV de sua própria casa;
5. Ter uma alternativa às redes nacionais obrigatórias;
6. Ter acesso a bancos de imagem com a memória da TV brasileira;
7. Telefonar, mandar faxes, cartas ou e-mails para as emissoras – e para os anunciantes – e ser bem atendido e obter respostas satisfatórias;
8. Defender-se;
9. Criar grupos ou associações (permanentes ou transitórias) para protestar e se fazer ouvir;
10. Participar da outorga de concessões de canais às empresas privadas e participar também do controle do cumprimento dos termos dessas concessões. (BUCCI, 2004, p. 244-250)

Devido ao poder estabelecido com o público e de acordo com o artigo 221 da Constituição brasileira de 1988 (ANEXO I), a televisão precisa exercer o seu papel social dando “preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”. Além disso, como princípios básicos, as emissoras devem promover a cultura nacional e regional; regionalizar a produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei; respeitar os valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Em consonância, segundo o artigo 76 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, que trata do Estatuto da Criança e do Adolescente (ANEXO II), a responsabilidade pelo que o público infantil assiste também está nas emissoras. O artigo estipula, com isso, que “nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição”.

No entanto, Bezerra (1999, p. 24) afirma que, apesar de citados nos princípios constitucionais, os programas direcionados à educação são minorias quando

comparados às atrações voltadas ao entretenimento. Ele diz que a qualidade é o principal aspecto ao avaliar o papel social da televisão.

Em artigo publicado no site Observatório da Imprensa, Bezerra (2006) compara a relação da televisão com seus telespectadores a um casamento com acordo de mútua fidelidade.

O problema deste tipo de matrimônio é a indissolubilidade da relação, pois, na prática, mesmo quando a gente desliga a TV ela continua "passando em nossa vida". Este fenômeno ocorre com todas as TVs, com toda a programação. Se a gente parar para pensar vai perceber que, por algum motivo, depois de desligados os aparelhos receptores, os conteúdos de fato ficam com a gente. (BEZERRA, 2006, p. 1)

No mesmo contexto, de mostrar o poder da televisão na rotina das pessoas, Machado (2000, p. 10) defende a existência de um meio de comunicação de qualidade. Para isso, segundo ele, é preciso refletir, especialmente, sobre uma recepção de qualidade, com foco em visualizar as diversas possibilidades oferecidas pela mídia. "Pode-se amar a televisão sem necessariamente precisar fazer concessões a qualquer espécie de banalidade e sem correr o risco de se passar por ignorante. Tudo é uma questão de mudança de enfoque", afirma Machado.

Criança e Educação: a formação da infância

A psicopedagoga Martha Senfft traz a mudança de opinião sobre a criança e seu papel na sociedade. Segundo Senfft:

O conceito a respeito da criança e a da infância mudou muito durante a história. Ela já foi considerada um ser inferior; uma tabula rasa; um peso para a família; importante para a família como força de trabalho; submissa ao estado; símbolo da maldade e do pecado e, portanto, devendo ser punida para ter um crescimento adequado e uma boa personalidade, postura esta que justificaria o castigo físico como método educativo, etc. (SENFFT *apud* NUNES, 2003, p. 13)

No entanto, de acordo com Senfft, a visão da infância começou a mudar a partir do século XIX, com a criação de estudos e sociedades voltadas à prevenção e proteção dos direitos da criança. Exemplo disso é o Estatuto da Criança e do

Adolescente (ANEXO II) que determina providências acerca da proteção integral de pessoas até os 18 anos de idade.

A respeito da aprendizagem infantil, Nunes (2003) diz que, devido à atenção voltada para tudo que acontece, as crianças precisam ser incentivadas por fatos atrativos saudáveis e educativos. Segundo ela:

As crianças, em geral, aprendem com muita facilidade. Têm olhos e ouvidos que registram tudo, armazenando conhecimentos, assimilando fatos, aprimorando suas experiências ao longo de seu desenvolvimento. (NUNES, 2003, p. 23)

Nunes afirma, também, que o entendimento da criança parte dos sentidos. “A criança, mesmo sem saber compreender frases inteiras ou sequer ler, utiliza os sentidos para explorar o que existe a seu redor” (2003, p. 80). Ela diz que a descoberta do mundo real parte de acontecimentos bons e ruins que a criança presencia. Os conhecimentos sociais são construídos por meio de interações significativas com diferentes pessoas e instituições.

No mesmo contexto, Baccega (2000, p. 95) diz que a formação do cidadão crítico, atribuída à educação, torna-se cada vez mais necessária. “A educação é um processo social, no qual imergimos ao nascer. É no processo de educação, sobretudo por meio da palavra, que 'recebemos' as análises da realidade feitas pelas gerações anteriores”.

Televisão e Educação: o que o meio oferece

De acordo com Merrill (*apud* NETTO, 2011, p. 130), a televisão e o vídeo possuem significativa versatilidade. “A televisão e as gravações em vídeo oferecem numerosas vantagens para a transmissão de informação e do ensino-aprendizagem, entre as quais a multiplicação, ampliação, associação, transporte, transformação e memorização de imagens”.

Elias (2002, p. 47) questiona as necessidades da criança, com base na opinião de quem cria a programação infantil das emissoras televisivas. “Criança precisa de natureza, de espaço para correr, brincar e deixar a imaginação à solta. Não pode ficar tempo demais diante da TV”.

Enfatizando a preocupação de pais e educadores, Bucci (2000) destaca que a televisão é a responsável por monopolizar a informação. Segundo ele, o telespectador é comparado a um prisioneiro, visto que é influenciado pelo imaginário que a TV coloca em circulação.

Há cerca de 40 milhões de lares com televisão no Brasil, o que corresponde a quase 90% do total. Isso, para uma população que lê pouco, dá à TV uma condição de monopólio da informação, ou seja, a TV monologa sem que outros meios lhe façam contraponto. (...) De acordo com Grupo de Mídia de São Paulo, com base em pesquisa do Instituto Marplan Brasil, 98% da população entre 10 e 65 anos veem TV pelo menos uma vez por semana e, sozinha, a TV atrai duas vezes mais público do que todos os meios impressos, aí computados também os livros, além de jornais e revistas. (BUCCI, 2000, p. 9)

Bucci (2000, p. 10) afirma, também, que "a importância da TV no Brasil é desproporcional em relação aos outros meios". Ele questiona o fato de que, se as crianças passam mais horas diante da TV do que em sala de aula, como seria possível pensar em um processo educacional sem considerar a influência dos meios de comunicação?

A partir disso, Baccega (2000, p. 95) diz que "a televisão, com meio século de presença entre nós, compartilha com a escola e a família o processo educacional, tendo se tornado um importante agente de formação". A autora destaca que o meio de comunicação leva vantagem diante dos demais agentes, visto que a linguagem televisiva é mais rápida e está diretamente voltada ao cotidiano. Ela justifica o fato, por exemplo, do tempo de exposição das crianças diante da televisão ser, geralmente, maior do que aquele voltado para a escola ou convivência com familiares.

Para Baccega (2000, p. 98), os meios de comunicação (televisão, rádio, jornais, revistas, internet, entre outros), aliados à escola, família e outros agentes de socialização, ocupam lugar privilegiado no processo educacional. Retratam a realidade por meio de fatos editados, que selecionam o que deve ser visto, ouvido ou lido pelo respectivo público. No entanto, a autora relata a necessidade do público ter conhecimento da realidade a que pertence, de forma que não a confunda com os fatos transmitidos e saiba selecionar informações e "interrelacionar conhecimentos".

Bezerra (1999), em consonância com a reflexão de Baccega, aborda a educação nas emissoras televisivas. Ele afirma que os programas das emissoras

ditas educativas, assim como os demais programas de outras emissoras, interferem na educação dos telespectadores.

Todas as TVs, toda a programação, todas as emissoras educam sim. Sem distinção, todas são educativas. O que pode e deve variar é o conteúdo de cada proposta, de cada programa, de cada emissora. Ou seja, uns preferem os estereótipos multicoloridos, e felizmente outros optam pela história, cultura, tradições, arte. (BEZERRA, 1999, p. 114)

Conforme pesquisas realizadas pelo Ibope em 2003, as crianças assistem não só aos programas infantis. Devido a esse fator, Flávio Ferrari, diretor executivo do Ibope Mídia, alerta aos pais, professores e responsáveis pelas programações televisivas quanto à necessidade de regular o que o público infantil pode ou não assistir. “As crianças assistem praticamente tudo e, de alguma forma, estão elaborando o que assistem. Compete aos responsáveis decidir o que fazer com essa informação” (FERRARI *apud* BEZERRA, 1999, p. 116).

A partir da discussão sobre o que deve ou não ser transmitido ao público infantil, Bezerra (1999) traz a orientação da ambientalista Célia Dias para que as crianças tenham contato apenas com programas voltados para a faixa etária pertencente.

O primeiro contato que as crianças têm com a imagem é fundamental, pois elas fixam determinados padrões. O que você apresenta para os seus filhos é muito importante. Os pais são na verdade os grandes formadores de opinião (DIAS *apud* BEZERRA, 1999, p. 119).

De acordo com Dias, se os responsáveis selecionam atrações de qualidade e educativas nos primeiros contatos da criança com a imagem, eles estarão contribuindo para formar um telespectador crítico, que sabe distinguir as programações e escolher o que deseja assistir. Caso contrário, se a televisão for compreendida como mero entretenimento, eles estariam se omitindo do dever de educar e transferindo esse papel para os personagens televisivos.

Assim como Dias, a educadora Rosa Crescente (2002) acredita que a escolha dos programas aliada à relação do divertimento com a educação é favorável. Segundo ela, “criança não vê desenho como assiste a um filme: eles sabem que se trata de uma fantasia e não se deixam influenciar por isso” (*apud* ELIAS, 2002, p. 49).

Arnaldo (2002, p. 439) comenta que, às vezes, “tem-se a sensação de que há uma oposição entre mídia e educação; que a mídia não é o meio mais apropriado para educar, que ela não desempenha nenhum papel na educação”. Segundo ele, muitas pessoas não compreendem que as crianças passam mais tempo diante da TV do que fazendo exercícios escolares ou qualquer outra atividade diária.

Entretanto, Arnaldo alerta para a necessidade das crianças serem orientadas a respeito do que sabem sobre a mídia e como elas podem desenvolver a consciência crítica própria do que é transmitido pelos meios de comunicação. Conforme o autor, a maioria dos estudos realizados por ele enfatiza que a criança tem uma abordagem ativa da mídia. “Elas abordam a mídia com sua 'história pessoal', com as 'construções sociais' que cultivaram na família, na comunidade e em seu ambiente jovem” (2002, p. 448).

Segundo Netto, com base na conclusão de Singer, “precisamos reexaminar o papel da televisão nas vidas das pessoas, notadamente nas vidas das crianças” (2011, p. 152). Para Singer:

A televisão fornece informações, quer fictícias, quer factuais, sobre um mundo externo presumível e passa, assim, a fazer parte do ‘conhecimento do mundo’ das crianças e dos adultos. Na extensão em que esse conhecimento influencia a formação de atitudes e sistemas de crenças, a experiência televisual é potencialmente importante para a psicologia social e nas áreas do desenvolvimento ético e moral das crianças. (...) Se as crianças consomem quatro a cinco horas por dia diante do televisor após a escola, é menos provável que possam dedicar tempo à leitura e às tarefas escolares para casa. Ficam, portanto, claras as implicações para a psicologia educacional. Não deveriam as escolas elementares reconhecer que o fato de a criança assistir a muita televisão está a chamar a atenção para o próprio processo de educação? As crianças deveriam aprender a respeito do meio televisual como parte do seu ambiente, do mesmo modo que aprendem sobre o governo, os jornais e outras instituições sociais. (SINGER *apud* NETTO, 2011, p. 152)

Sobre a participação dos psicólogos no envolvimento da criança com a televisão, Singer destaca que “devem atuar no sentido de influenciar os pais para que monitorizem o que seus filhos assistem ou o tempo que consomem frente à televisão. Devem orientar os professores sobre os usos construtivos da televisão na sala de aula” (*apud* NETTO, 2011, p. 152).

Dessa forma, assim como outros autores já citados, Netto destaca, como um dos pontos essenciais, o fato de as crianças aprenderem por meio da televisão. Com base em Williams, o autor ressalta, ainda, que a influência da televisão está na relação com as crianças e não com os adultos. De acordo com Netto, são as crianças que sofrem os efeitos “decorrentes de uma exposição contínua ao bombardeio televisual durante duas, três ou mais horas diariamente, dia após dia, mês após mês, ano após ano, notadamente durante os anos formativos por excelência que são os primeiros doze anos da vida humana” (2011, p. 190). Com base nisso, Netto apresenta um quadro sobre quinze motivos para “ficar de olho” na televisão, presente no livro de Acosta-Orjuela (ANEXO III).

Programa educativo infantil: a participação da criança na televisão

Em 1967, conforme comenta Spring (*apud* HILTY, 2001), a Comissão Carnegie sobre a Televisão Educativa recomendou o uso da programação infantil na TV como um “meio de reforma social”.

Os programas de televisão pública deveriam dar grande atenção às necessidades educacionais informais das crianças da pré-escola, particularmente para interessar e auxiliar crianças cujo preparo cultural e intelectual poderia ser, caso contrário, menos que adequado. (SPRING *apud* HILTY, 2001, p. 112)

No entanto, Beth Carmona (2002, p. 331), ex-diretora de programação da TV Cultura, critica que as crianças brasileiras sempre foram vistas como consumidoras pela televisão. “Os programas produzidos para elas estavam, invariavelmente, mais preocupados com os interesses comerciais do que os aspectos sociais ou educacionais”. Carmona, contudo, explica que a televisão também atraiu experiências mais conscientes e educativas. Segundo ela, a participação real das crianças na televisão é vista quando a busca pela qualidade prevalece durante as produções.

Programas que combinem criatividade, educação e entretenimento e que respeitem a inteligência das crianças são desafiadores e, conseqüentemente, agradáveis. Tal participação vai até onde criadores e produtores conseguirem entrar no universo infantil, contribuindo para maior aprendizagem e estímulo da curiosidade. (CARMONA, 2002, p. 333)

Assim como Carmona, Hilty (2001, p. 113) diz que, com a primeira produção de Vila Sésamo em novembro de 1969, ocorreu “o nascimento de uma programação infantil que marcou o início de uma revolução nessa área”. A identificação com os personagens dos programas educativos infantis definia as interações sociais e os assuntos a seres abordados.

O teórico J. Healy, dentro da discussão de Hilty, discorda da vantagem de os programas mais populares serem os favoritos tanto de crianças quanto de adultos. Segundo ele, pais com boas intenções absorvem o ditado de que determinado programa ajuda as crianças a aprender.

Os pais acreditam que esses programas são educativos e, por essa razão, preferíveis a outros programas infantis, e as crianças normalmente parecem gostar da extensa fila de personagens e experiências que elas encontram nesses programas, mas a pergunta essencial permanece sem resposta: o que as crianças realmente captam desses programas? (HEALY *apud* HILTY, 2001, p. 113)

Como exemplo de programa infantil que atrai a atenção das crianças, Hilty cita *Barney e seus amigos*, exibido no canal Discovery Kids. Por meio do formato educativo, a série “inclui elementos que são potencialmente relevantes para um programa geral de preparo de pré-escolares para uma efetiva disponibilidade escolar” (SINGER e SINGER *apud* HILTY, 2001, p. 114). Segundo Hilty, crianças pequenas são atraídas pelo que o personagem principal do desenho representa: a fantasia junto a características relacionadas ao afeto com o próximo, por meio de uma linguagem simples e direcionada ao público infantil.

Ainda sobre a programação infantil disponível para as crianças, Netto (2011) critica que, no Brasil, a seleção feita é às avessas, ou seja, a programação oferecida traz, dentre outras coisas, maus desenhos animados, grosserias e materiais de baixa qualidade. Conforme o autor:

Dispomos de excelentes fontes para orientar os rumos de uma programação infantil ou juvenil na televisão em vias mais construtivas, ou pelo menos não prejudiciais, de diversão sadia e, ao mesmo tempo, atrativa, com ação, aventura e humor. Existem provas cabais de que, se maus programas (e também maus comerciais, hoje abundantes na nossa televisão) podem envenenar a mente da criança, bons programas são comprovadamente eficazes para ajudá-la a crescer e a ser feliz, para desenvolver nela a cooperação, a autoconfiança, o altruísmo, o respeito mútuo, a tolerância, a consciência de responsabilidades sociais, a socialização civilizada –

enfim, os efeitos que os especialistas denominam “efeitos pró-sociais”. (NETTO, 2011, p. 193)

Para Netto (2011, p. 197), talvez a maior dificuldade da televisão esteja em produzir programas infantis. Por esse motivo, o autor comenta que em países onde a infância é respeitada e o poder de influência da televisão sobre as crianças é reconhecido, a responsabilidade em elaborar a programação é destinada a indivíduos humanos, sensíveis, ou seja, capazes de compreender os desejos infantis e de preservar a infância.

Televisão e o imaginário da criança: o lúdico na evolução da personalidade

Pacheco (1998) enfatiza que a produção cultural para a infância requer a compreensão do que seja uma criança. Ou seja, a forma de pensar, sentir, perceber e representar o que acontece no cotidiano.

Conhecer a criança é pensá-la não apenas numa perspectiva evolutiva e etária. Conhecer a criança é pensá-la como um ser social determinado historicamente. Conhecer a criança é pensá-la interagindo dinamicamente, influenciando e sendo influenciada. Conhecer a criança é pensá-la como um ser de relações que ocorrem na família, na sociedade, na comunidade. É conhecê-la em casa, na escola, na igreja, na rua, no clube, em seus grupos sociais, nas “peladas”, enfim, em todas as suas atividades. (PACHECO, 1998, p. 32)

Leite (1998) questiona a passividade do telespectador diante da televisão. Ela afirma que tal fator incomoda professores, psicólogos e psicanalistas quando abordados sobre a influência da TV na educação.

A mídia afeta os sentidos? O que é concreto e abstrato na vida das crianças, considerando aquilo que assistem na TV? A televisão propicia uma zona de desenvolvimento proximal? E a imaginação e o imaginário, como ficam? (LEITE, 1998, p. 104)

Távola (1998, p. 48) diz que “as crianças usam a TV como uma das fontes de onde extraem material para organizar e interpretar suas experiências vividas”. Segundo ele, “as crianças se prendem a cenas que descrevam processos nos quais podem participar”. Ou seja, as vontades das crianças são transmitidas por meio das

imagens que assistem. Távola alerta, ainda, para a relevância de uma análise sobre os conteúdos televisivos:

Deixo a todos a reflexão sobre a importância de uma leitura crítica e uma ação sobre realizadores de televisão, no sentido de que eles possam compreender o quanto a TV pode fazer nessa área. Infelizmente temos assistido a um processo de adulteração dos horários da TV, em que os próprios programas infantis hoje existentes nada buscam a não ser formar consumidores infantis, posto que seus apresentadores estão envolvidos na indústria do consumo, sem a mínima preocupação com a cultura do país. (TÁVOLA, 1998, p. 49)

Assim como Távola, Carlsson e Feilitzen (2002) analisam como ocorre o acesso da criança à mídia. Segundo elas, a forma como jovens e crianças se relacionam com a mídia de massa é um fenômeno cultural, que atrai pessoas de todos os lugares diante de um mesmo objetivo: assistir determinado conteúdo televisivo.

No entanto, para delimitar a programação ideal ao público infantil, Anna Home (*apud* CARLSSON; FEILITZEN, 2002, p. 463), diretora de programas destinados às crianças, traz uma carta sobre a televisão infantil (ANEXO IV). Dentre os aspectos citados pelo documento, "as crianças devem ter programas de alta qualidade, feitos especialmente para elas e que não as explorem".

METODOLOGIA

A pesquisa, devido ao assunto abordado e às observações necessárias, foi de caráter qualitativo. Esse formato é definido, dentre outros conceitos, pela necessidade de compreensão de um grupo de pessoas, no caso deste estudo, as crianças em fase pré-escolar. Lüdke e André, ao definir a pesquisa qualitativa, apresentam cinco características básicas:

1. A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...]
2. Os dados são predominantemente descritivos. [...]
3. A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto. [...]
4. O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial do pesquisador. [...]
5. A análise dos dados tende a seguir um processo indutivo. [...]

(LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 11-13)

Com a finalidade de verificar as representações sociais de profissionais da área de educação quanto ao reflexo da mídia televisiva, especialmente os desenhos, na criança, como ela assimila o que assiste à realidade e até que ponto a televisão é benéfica no processo de educação, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com quatro professoras atuantes na educação infantil e com uma professora especialista na área Comunicação e Educação. Além disso, foram aplicados vinte questionários com estudantes em fase final do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília.

Essa forma de coleta de dados, segundo Lüdke e André (1986, p. 34), é um dos principais instrumentos utilizados nas ciências sociais, tendo em vista que “ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos”. Conforme Lüdke e André, a técnica de entrevista mais adequada para pesquisas no ambiente educacional é a que possui um caráter mais livre, onde permite maior flexibilidade. No caso, as entrevistas semiestruturadas possibilitam a realização de perguntas necessárias à pesquisa, mas também dão relativa liberdade ao entrevistado em suas respostas, possibilitando, inclusive, o surgimento de novos questionamentos.

Diante dos levantamentos bibliográficos sobre o tema, das entrevistas e dos questionários realizados, o trabalho se baseou na técnica da análise de conteúdo. De acordo com Bauer e Gaskell (2008, p. 190), “a análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas”. Os autores ressaltam, ainda, que “a análise de conteúdo é uma construção social. Como qualquer construção viável, ela leva em consideração alguma realidade, neste caso o *corpus* de texto” (2008, p. 203).

Outra autora reconhecida em pesquisas que utilizam a técnica de análise de conteúdo é Bardin. Segundo ela, a análise de conteúdo é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens. (BARDIN, 1977, p. 42)

A análise de conteúdo tem, portanto, conforme Bardin (1977), objetivos específicos utilizados para desvendar o que parece estar oculto no texto, por meio da decodificação, interpretação da mensagem pronunciada.

Participantes da pesquisa

A fim de verificar como é visto o reflexo da mídia televisiva em crianças da educação infantil por estudantes e profissionais da área da educação, a pesquisa teve como participantes vinte estudantes do curso de Pedagogia, quatro professoras atuantes na Educação Infantil e uma professora especialista em Comunicação e Educação.

Instrumentos de pesquisa

Foram utilizados, como ferramentas de pesquisa, questionário e roteiros de entrevista¹. Tais instrumentos foram divididos da seguinte forma:

- Vinte questionários com estudantes concluintes do curso de Pedagogia, compostos por dados sociodemográficos e quatro questões reflexivas;
- Quatro roteiros de entrevista para professoras atuantes na Educação Infantil, composto por cinco questões;
- Um roteiro de entrevista para professora especialista em Comunicação e Educação, composto por cinco questões.

¹ A íntegra do questionário e dos roteiros de entrevista encontra-se nos Apêndices A, B, C, D, E e F.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Resultados obtidos dos questionários aplicados aos estudantes do curso de Pedagogia

Os quadros a seguir trazem os dados coletados de vinte questionários aplicados a estudantes universitários em fase final (do 6º ao 9º semestre) do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília sobre suas representações sociais quanto ao reflexo da mídia televisiva em crianças da Educação Infantil.

Realizados no período de agosto a setembro de 2013, os questionários tiveram o total de 20 participantes, sendo todos do sexo feminino. A faixa etária variou de 18 a 24 anos. Entre os estudantes, 14 tinham experiência em Educação Infantil, especialmente devido à realização de estágios nessa área.

A divisão e classificação das categorias foram selecionadas, *a priori*, com base nas quatro perguntas que compuseram os questionários. Cabe ressaltar que o número de ocorrências não corresponde, necessariamente, ao número de participantes, uma vez que cada estudante pode mencionar mais de uma resposta.

Quadro 1

Categoria 1: Influência da mídia televisiva no processo educacional infantil	
• Classe / - Respostas	Número de ocorrências
• Cotidiano:	
- Construção da personalidade	6
- Aproximação com a realidade	5
- Vínculo com o processo educacional	4
- Contato com aparelhos eletrônicos	4
- Interação constante com a criança	3
- Modos de vida padronizados	3
- Reprodução do que é visto	3
- Desenvolvimento da linguagem	2
- Transmissão de valores	1
- Controle e alienação	1

O primeiro quadro apresenta a síntese das respostas obtidas na pergunta: “você acredita que a mídia influencia no processo educacional infantil? Se sim, de que forma?”. Para o primeiro questionamento, a resposta afirmativa foi unânime, ou seja, todos os participantes concordaram que a mídia influencia no processo educacional infantil.

No decorrer das respostas, cada participante justificou a forma como acredita que a mídia influencia a criança, especialmente em seu cotidiano. Assim, a assertiva com o maior número de ocorrências foi construção da personalidade (6), seguida por aproximação com a realidade (5). Com o número de ocorrências inferior, porém com significativa relevância, surgiram as respostas: vínculo com o processo educacional (4), contato com aparelhos eletrônicos (4), interação constante com a criança (3), modos de vida padronizados (3), reprodução do que é visto (3), desenvolvimento da linguagem (2), transmissão de valores (1) e controle e alienação (1).

Com base nos referências teóricas que discutem a influência da mídia no desenvolvimento das crianças, Baccega é uma das autoras que afirma que os meios de comunicação também ocupam espaço no processo educacional, dividindo tal papel com a escola e a família, “tendo se tornado um importante agente de formação” (2000, p.95). No entanto, a autora comenta que a mídia televisiva se destaca nesse processo por ser mais rápida e diretamente voltada ao cotidiano e, portanto, alerta para que não se confunda os fatos transmitidos com a realidade.

Senfft (*apud* NUNES, 2003, p.13), ao apresentar a mudança de opinião em relação à criança, comenta que ela já foi considerada “um peso para a família; importante para a família como força de trabalho; submissa ao estado; símbolo da maldade e do pecado e, portanto, devendo ser punida para ter um crescimento adequado e uma boa personalidade”. Hoje, observa-se, nos argumentos dos estudantes, que o papel de auxiliar na construção da personalidade está relacionado aos programas televisivos e não apenas à família e à escola como, por muito tempo, era considerado.

Dessa forma, observa-se nas respostas dadas pelos participantes que eles compreendem a influência da mídia televisiva no desenvolvimento educacional infantil e o modo como ocorre tal processo, tendo em vista, dentre outros fatores, a forte presença dos meios de comunicação no cotidiano das crianças.

Quadro 2

Categoria 2: Aspectos positivos e negativos sobre a presença da televisão, especialmente os desenhos animados, no cotidiano infantil	
• Classes / - Respostas	Número de ocorrências
<ul style="list-style-type: none"> • Positivos: - Estímulo à criatividade - Socialização - Transmitir informação e conhecimento - Inspira valores e princípios - Apresenta aspectos lúdicos - Entretenimento/lazer - Contribui para o desenvolvimento infantil 	<p>4</p> <p>4</p> <p>4</p> <p>3</p> <p>3</p> <p>1</p> <p>1</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Negativos: - Violência - Padronizar comportamentos - Faixa etária inadequada - Alienação - Limita a imaginação e a crítica - Consumismo precoce - Conteúdos repetitivos 	<p>11</p> <p>4</p> <p>3</p> <p>3</p> <p>3</p> <p>2</p> <p>1</p>

O segundo quadro traz os aspectos positivos e negativos, considerados pelos participantes, sobre a presença da televisão, principalmente dos desenhos animados, no cotidiano infantil.

A classe referente aos fatores positivos teve três respostas com número de ocorrências equivalente: estímulo à criatividade, socialização e transmitir informação e conhecimento. Cada uma delas foi citada quatro vezes pelos participantes. Em seguida, com menor número de ocorrências, surgiram as respostas: inspira valores e princípios (3), apresenta aspectos lúdicos (3), entretenimento/lazer (1) e contribui para o desenvolvimento infantil (1).

É possível justificar as respostas obtidas nessa questão baseando-se, dentre outros autores, em Merrill (*apud* NETTO, 2011, p. 130), que comenta sobre a

versatilidade da televisão e, conseqüentemente, das vantagens na transmissão de informação e no processo ensino-aprendizagem. Além de Merrill, Carmona (2002, p 333), ao falar da participação das crianças na televisão, ressalta também os programas que combinam “criatividade, educação e entretenimento”.

Sobre a classe que representa os aspectos negativos da presença da mídia televisiva no cotidiano infantil, a resposta com o maior número de ocorrências se refere à violência (11). Em seguida, com significativa diferença de número de ocorrências, as respostas foram: padronizar comportamentos (4), faixa etária inadequada (3), alienação (3), limita a imaginação e a crítica (3), consumismo precoce (2) e conteúdos repetitivos (1).

Quanto à resposta mais citada pelos participantes, é possível relacioná-la com a crítica de Netto (2011, p. 193) ao afirmar que a seleção da programação infantil brasileira é feita de forma contrária ao que poderia se considerar ideal. Segundo o autor, desenhos animados de baixa qualidade, com grosserias podem “envenenar a mente da criança”.

Já a resposta “padronizar comportamentos” se assemelha ao argumento de Bucci (2000, p. 9), que afirma que a televisão monopoliza a informação e o telespectador é influenciado pelo imaginário que ela disponibiliza. “A TV monologa sem que outros meios lhe façam contraponto”.

Nesse sentido, a busca da criança por reproduzir falas e atitudes semelhantes as dos personagens que se identifica justifica a preocupação dos estudantes em considerar a violência, o consumismo, a alienação e a padronização de comportamentos como aspectos negativos da presença da mídia no cotidiano infantil. A criança, em processo de construção da personalidade, tende a acreditar no que assiste e, sem adequada mediação, transfere o que acontece nos desenhos animados, por exemplo, para a sua realidade.

Outro aspecto negativo citado corresponde com a discussão de Célia Dias (*apud* BEZERRA, 1999, p. 119), que ressalta a importância das crianças terem acesso somente a programas com a faixa etária adequada a elas. Para isso, destaca-se a importância da participação dos pais no processo de seleção das atrações e reflexão crítica sobre o que está sendo assistido.

Quadro 3

Categoria 3: Formas de integralizar o que é visto na televisão pelas crianças com atividades realizadas em sala de aula	
• Classe / - Respostas	Número de ocorrências
• Integralização:	
- Relacionar conhecimentos	8
- Utilizar a mídia para meios didáticos	7
- Realizar debates reflexivos	6
- Unir interesses	4
- Identificar valores	3
- Estimular a visão crítica	2

No terceiro quadro, são questionadas quais as formas de integralizar o que é visto na televisão pelas crianças com as atividades realizadas em sala de aula.

A resposta com o maior número de ocorrências refere-se a relacionar conhecimentos (8), seguida por utilizar a mídia para meios didáticos (7) e realizar debates reflexivos (6). Também surgiram assertivas como: unir interesses (4), identificar valores (3) e estimular a visão crítica (2).

Ao desligar a televisão, a criança parece ainda estar conectada ao que assistiu. Ela tende a levar para a sala de aula ou para a interação com outras pessoas o que viu na TV, estabelecendo comparações entre acontecimentos fictícios e reais. As pessoas, por exemplo, passam a ter características semelhantes as dos personagens de desenhos e as reações cotidianas, muitas vezes, refletem como a criança internaliza o que assiste, identificando os valores adquiridos no contato com o meio de comunicação.

Como forma de relacionar a mídia e o processo educacional, Nunes (2003, p. 23) diz que as crianças precisam ser incentivadas. Segundo ela, as crianças aprendem, armazenam conhecimentos e assimilam fatos com muita facilidade. Em consonância e relacionando com outras respostas citadas pelos participantes, Baccega (2000, p. 95) comenta sobre a necessidade da formação do cidadão crítico, visto que no processo educacional são feitas análises da realidade.

Observa-se, com isso, que as respostas obtidas pelos participantes da pesquisa se relacionam com as afirmações dos teóricos. Acredita-se que o fato de relacionar conhecimentos, utilizar a mídia para meios didáticos e realizar discussões reflexivas sobre o que é assistido, por exemplo, são fatores de destaque no processo ensino-aprendizagem que inclui a mídia como meio influente na educação.

Quadro 4

Categoria 4: O que falta na televisão para auxiliar no processo de desenvolvimento infantil	
• Classe / - Respostas	Número de ocorrências
• Ausência na televisão:	
- Conteúdos educativos adequados	6
- Abordar assuntos de forma lúdica	3
- Estímulo à criatividade e curiosidade	3
- Distinção do que é fictício e real	2
- Estímulo à autonomia e crítica	2
- Noções de solidariedade e relevância social	1
- Propostas voltadas à criança	1
- Programas culturais infantis	1

O quarto quadro apresenta o que os participantes acreditam que faltam na televisão para auxiliar no processo de desenvolvimento infantil. Cada participante teve a oportunidade de citar o que considera importante e qual a forma ideal de se transmitir os programas televisivos.

A assertiva conteúdos educativos adequados (6) foi a que obteve maior número de ocorrências nas respostas dos participantes. Posteriormente, com número inferior de ocorrências, as respostas foram: abordar assuntos de forma lúdica (3), estímulo à criatividade e curiosidade (3), distinção do que é fictício e real (2), estímulo à autonomia e crítica (2), noções de solidariedade e relevância social (1), propostas voltadas à criança (1) e programas culturais infantis (1).

Em concordância com a resposta mais citada pelos participantes, Bezerra (1999, p. 24) destaca a minoria de programas direcionados à educação quando

comparados com aqueles voltados ao entretenimento. Segundo o autor, a qualidade deve ser o aspecto primordial ao avaliar o papel social da mídia televisiva.

Destaca-se, também, o artigo 221 da Constituição Federal de 1988 e o artigo 76 do Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990. Ambos os documentos comentam que, para cumprir o papel social, a televisão necessita priorizar programas com “finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”.

Sobre as demais respostas dos estudantes, considera-se importante que a televisão aborde os assuntos de forma lúdica, estimulando o desenvolvimento da criatividade, curiosidade, autonomia e crítica das crianças. Além disso, a busca por orienta-las quanto à relevância de se preocupar com o seu semelhante, de ser solidário é um fator social importante e que a mídia televisiva precisa estar ciente para auxiliar no desenvolvimento de consciência, visto que também é fonte de informação e influência no processo educativo.

Resultados obtidos nas entrevistas realizadas com educadoras atuantes na Educação Infantil

Com o objetivo de analisar as representações sociais de educadores atuantes na educação infantil sobre a influência da mídia televisiva em crianças desse nível de ensino, foram realizadas entrevistas com quatro professoras² da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Todas atuam em unidades educacionais de Regiões Administrativas do Distrito Federal, com experiências na Educação Infantil por um período de 10 meses, 13, 21 e 29 anos.

Na primeira pergunta, “você acredita que a mídia influencia no processo educacional infantil? Se sim, de que forma?”, todas responderam positivamente. Segundo as educadoras, tudo o que as crianças veem as influenciam e elas costumam reproduzir o que assistem em ações cotidianas.

Claudia, coordenadora pedagógica, comenta que essa influência pode se justificar pelo fato de que, muitas vezes, a televisão é única forma de distração da

² Com o objetivo de preservar a identidade e respeitar a ética de pesquisa, os nomes verídicos e demais dados das entrevistadas foram mantidos em sigilo.

criança. “Na escola, observamos comportamentos das crianças que reproduzem os programas, novelas e desenhos animados”, diz. Para a coordenadora, o próprio vocabulário dos personagens televisivos costuma ser reproduzido fielmente, principalmente o dos vilões e super-heróis, responsáveis por atrair a atenção das crianças. Outro fator considerado por Claudia é a influência das propagandas, que estimulam as crianças a desejarem aquilo que lhes é apresentado.

Também coordenadora pedagógica, Maria acredita que a mídia “influencia e muito” no processo educacional infantil. Segundo ela, o motivo é que “infelizmente, na maioria das vezes, as informações de massa seduzem com sua alta capacidade de trazer conceitos tendenciosos, limitados e acrílicos”.

Assim como Claudia e Maria, Priscila também é coordenadora pedagógica e acredita que a mídia televisiva “influencia bastante”. De acordo com Priscila, “toda a informação bombardeada diariamente vai sendo acumulada pela criança como conceitos reais”.

Não diferente das demais educadoras, Kátia, professora do primeiro período de educação infantil, concorda com a influência da mídia e observa que “antes de chegar à escola, as crianças já trazem toda uma educação não formal de casa, baseada na família, na igreja e nas mídias”. Para Kátia, tal influência é refletida em ações das crianças. “Algumas palavras, formas de pensar, vontades e gostos elas adquirem pela exposição à mídia”, diz a professora.

A segunda questão da entrevista, “quais aspectos você considera positivos e negativos em relação à presença, cada vez maior, da mídia televisiva, especialmente os desenhos animados, no cotidiano infantil?”, apresentou a opinião das educadoras sobre como elas veem as vantagens e desvantagens existentes no contato entre a televisão e as crianças.

Dentre os aspectos positivos, Claudia considera o fato de a televisão ser “uma forma de lazer, entretenimento e informação”. Segundo ela, o meio é visto como uma forma de diversão, especialmente quando, devido à vulnerabilidade social, “ficar dentro de casa, assistindo TV, é uma forma de proteger as crianças da violência fora de casa”. Por outro lado, a coordenadora acredita que o conteúdo dos programas é inadequado para as crianças. “Especialmente os veiculados nos canais abertos, pois são pobres do ponto de vista educativo. Baseiam-se em relações de

conflito e poder, são reprisados constantemente e não valorizam uma cultura genuinamente infantil”, afirma.

Maria comenta sobre outro fator. Segundo ela, “tem programas que são muito claros em seus objetivos, sobretudo quando tem um cunho educativo. Outros programas nem tanto”. Considerando os variados critérios estabelecidos pelas crianças na escolha dos programas, Maria acredita que, muitas vezes, elas acessam uma diversidade que não é educativa. “Muitas mensagens subliminares estão agregadas e podem trazer desdobramentos na construção de conceitos que são prejudiciais na formação de valores. Princípios inadequados com tom apelativo e comercial”, diz a coordenadora.

Priscila também expôs a sua opinião. Para ela, o aspecto positivo está no fato de “aguçar a criatividade, desenvolver habilidades e ensinar conceitos”. No entanto, Priscila acredita que a presença da televisão de forma tão intensa no cotidiano infantil prejudica quando não se exercita o olhar crítico. “A criança vira um mero espectador e tende a absorver tudo como ‘certo’”.

Ao pensar sobre a questão, Kátia ressalta o fato de adquirir vocabulário, conhecer lugares e ampliar a bagagem cultural como aspectos positivos sobre a presença da televisão no cotidiano infantil. Por outro lado, a professora afirma que depende do que é assistido pela criança, tendo em vista que, dentre outros fatores, “podem provocar agressividade, egoísmo, maldade”.

As educadoras, ao serem interrogadas sobre “de que forma seria possível integralizar o que é visto na mídia televisiva pelas crianças com as atividades realizadas em sala de aula?”, comentaram sobre a necessidade de apresentar o conteúdo transmitido pela mídia para a escola, a fim de que se possa refletir e debater sobre o que é assistido.

De acordo com Claudia, “em primeiro lugar, a escola precisa conhecer os programas que seus alunos costumam assistir para depois refletir sobre os conteúdos veiculados e pensar em como aproveitá-los”. Para a coordenadora, não é possível impedir que as crianças “levem” o que assistem para a sala de aula, portanto, a reflexão sobre os assuntos transmitidos pode ser utilizada como forma de aprofundar alguma questão ou conteúdo acadêmico. Assim como Claudia, Priscila

vê a realização de debates sobre o que as crianças assistem como uma forma de integralização.

Maria apresenta outro aspecto. Ela afirma ser necessário que o professor pesquise sobre as mídias com caráter educativo e conheça aquelas que as crianças se identificam. Com isso, a coordenadora acredita que seja possível “agregar valores e conteúdos trazidos por esses programas para serem trabalhados em sala. Colocar em evidência os conceitos a serem desconstruídos em várias áreas de abrangência do currículo escolar”.

Kátia também pensa na integralização com o objetivo de ensinar. Conforme a professora, ao apresentar aspectos da mídia que interessam às crianças, como um desenho ou filme, pode-se “realizar atividades de pintura, de contagem de história, conversar sobre cultura, saúde, meio ambiente”.

Quanto à interrogação sobre “o que você acredita que falta na televisão ou nos programas infantis para auxiliar no processo de desenvolvimento das crianças?”, as educadoras citaram, dentre outras características, a qualidade; a valorização e representação da cultura popular e infantil; programas desafiantes e interativos, que instiguem a imaginação e auxiliem na construção de conceitos que agreguem valores sociais.

Claudia comenta que a qualidade é o principal fator ausente na programação televisiva. “Os desenhos são pobres do ponto de vista do enredo, são repetitivos, maçantes. A música que acompanha é de péssima qualidade, os valores veiculados são baseados no consumismo e na violência física ou simbólica”, diz. Ela acredita que falta, ainda, “um olhar para produzir desenhos e programas que valorizem e representem a cultura popular e infantil”. Para a coordenadora, programas desafiantes, interativos, que resgatem brincadeiras e músicas populares, valorizem a produção artística regional e instiguem a imaginação deveriam ser incluídos na programação televisiva.

Em consonância com Claudia, Priscila nota a necessidade de programas que incitem a criação e o desenvolvimento do raciocínio. Segundo ela, é preciso “um retorno às brincadeiras de roda e cantigas infantis, dialogando com toda a modernidade existente”.

Kátia também acredita que o incentivo ao pensamento, à exploração e à criatividade das crianças é algo que falta na televisão. A professora afirma que “o desenho precisa ter conteúdo que não seja somente um passatempo. Os desenhos e programas precisam ser criados com a finalidade de educar”.

Já Maria ressalta a necessidade do trabalho na construção de conceitos “agregando valores sociais, regras, disciplina, com grande ênfase na criatividade, na liberdade e criticidade de expressão”. A coordenadora vê, também, o envolvimento e a exploração das linguagens de expressão como aspectos que carecem na televisão e programas infantis.

Ao término das entrevistas, as educadoras foram interrogadas se haveria outra questão que gostariam de comentar acerca da relação entre a mídia televisiva e a educação infantil.

Claudia cita como um assunto que merece destaque “a sensualização, erotização precoce das crianças que é resultado de uma mídia predadora”. Ela comenta que isso assusta professores e gestores, “especialmente em situações e áreas de risco social, pois os casos de abuso sexual não param de aparecer”. Apesar de não conhecer pesquisas que comprovem a relação entre a erotização precoce e o abuso sexual, ela observa que as crianças “têm tido seu tempo de serem crianças diminuído, roubado. É assustador”.

Maria ressalta a importância dos programas gerarem “autonomia e independência na criatividade das crianças, para que as várias linguagens sejam exploradas e elas possam se dedicar àquelas que mais lhe interessam para desenvolverem suas habilidades”. A coordenadora vê como relevante que não se apresente “nada pronto” para as crianças, a fim de que as façam “pensar, criticar, comunicar, interagir, inventar, produzir”.

Semelhante à Maria, Kátia acredita que a mídia, se bem utilizada, é uma boa ferramenta. Para ela, esse fator se justifica, dentre outros motivos, “principalmente porque as crianças gostam tanto”.

Já Priscila, diante da temática abordada, sugere dois materiais: o livro Liga, Desliga, de autoria da Camila Franco, e a música Videotinha, de Bia Bedran. Com

linguagens adequadas para o público infantil, ambos tratam da relação estabelecida entre a criança e a televisão de forma crítica e reflexiva.

A partir das respostas das professoras é possível que seja estabelecida uma relação com teóricos que discutem mídia e educação. Leite (1998), por exemplo, ressalta que a passividade do telespectador é um fator que incomoda os professores ao serem questionados sobre a influência da televisão no processo educacional.

Do mesmo modo, Távola (1998, p. 48) comenta que as crianças utilizam a televisão como fonte de extração do material para “organizar e interpretar suas experiências vividas”. Com isso, o autor sinaliza sobre a importância de se refletir criticamente quanto ao papel da televisão, visto que, muitas vezes, a própria programação infantil busca consumidores comerciais ao invés de auxiliarem nos aspectos sociais ou educacionais das crianças.

Acredita-se, portanto, com base nos comentários das professoras, que a criança deve ser observada em todos os aspectos. Os interesses, as dificuldades e as opiniões sobre os acontecimentos precisam ser considerados, a fim de que se possa pensar qual a melhor forma de integrar o que a criança possui de influência dos meios de comunicação e demais agentes sociais com as atividades realizadas no ambiente escolar e, com isso, estimula-la no processo de ensino e aprendizagem.

Resultados obtidos na entrevista realizada com professora especialista em Comunicação e Educação

Graduada em Comunicação Social, com especialidade em Audiovisual – cinema, rádio e televisão, a professora Luana³ é mestre em Educação e doutora em Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte. Dentre as disciplinas que ministra em uma universidade federal está Oficina de Audiovisuais na Educação, onde procura

³ Com o objetivo de preservar a identidade e respeitar a ética de pesquisa, o nome verídico da entrevistada foi mantido em sigilo.

relacionar as mídias com a educação, além de aulas em curso de especialização sobre Comunicação e Educação.

A professora, ao ser questionada se acredita que a mídia influencia no processo educacional, afirmou que sim e alegou que a primeira etapa da educação já está relacionada aos meios de comunicação, visto que a maioria das crianças nasce inserida em uma “sociedade tecnológica”. Segundo ela, “mesmo quando não se tem intenção de educar, as crianças que já entram em contato, vivem nesse mundo tão midiático são, de certa forma, alfabetizadas, principalmente na forma de compreensão”.

Em relação aos aspectos que considera positivos e negativos sobre a presença da mídia televisiva, especialmente dos desenhos animados, no cotidiano infantil, Luana comentou que, devido ao contato ser cada vez maior e os desenhos serem divulgados com uma série de ideologias, o principal a ser feito é refletir sobre o que é visto de forma a suprir os elementos negativos com o que a televisão oferece de vantajoso. “É uma influência imensa. Cabe ao professor e aos pais tentarem trabalhar e discutir essas questões. Agora, como fazer isso? Existem várias maneiras. Tem uma série de formas, inclusive lúdicas, de lidar com as linguagens presentes e com os conteúdos veiculados”, disse.

Outra questão refletida pela professora refere-se à forma de integralizar o que é visto na televisão com as atividades realizadas no ambiente escolar. De acordo com ela, “a grande dificuldade da sala de aula é trazer a televisão de forma séria, porque a gente tem a visão de que, se levar a televisão ou um programa televisivo para a sala de aula, é a hora do recreio, da diversão e na verdade não é”. Luana afirmou que, independente do programa e da faixa etária da criança, é preciso que haja uma reflexão, levando o que é assistido para a dimensão educativa.

No mesmo contexto, quanto ao que falta na programação televisiva para auxiliar no processo de desenvolvimento infantil, a professora disse que o maior problema é ter uma oferta grande de atrações com qualidades diversas. Ela acredita que o que falta não são programas, mas sim os professores e responsáveis terem tempo para realizar uma seleção criteriosa do que é visto. “Temos produtos ótimos que podem ser levados para o universo da educação. Não precisa ser educativo, porque, em geral, a gente associa isso com uma coisa mais didática e, às vezes,

podemos utilizar algo mais prazeroso e levar para o universo da educação e isso se tornar educativo também”, destacou.

Ao término da entrevista, Luana comentou sobre a possibilidade de orientar as crianças sobre a programação adequada a ser assistida. A professora afirmou que o direcionamento só é possível se o preconceito de achar que a televisão e os demais meios de comunicação não educam ou, pelo menos, auxiliam na educação. “Existem muitas coisas boas, simples que podemos usar e ser bacana. Têm muitas formas de fazer com que as crianças se interessem criticamente pelos produtos audiovisuais presentes no cotidiano e não se tornem passivas”, disse. Desse modo, a professora ressalta que a forma como se trata o recurso televisivo é que vai reverter ou não para uma dimensão benéfica e educativa ao público infantil.

Os comentários da professora se relacionam com o pensamento de Machado (2000, p. 10). Segundo o autor, o que se precisa refletir é sobre a recepção de qualidade, visando às diversas programações oferecidas pela mídia. Não é necessário seguir todos os conceitos transmitidos, tampouco se deve generalizar os conteúdos como bons ou ruins. “Tudo é uma questão de enfoque”, diz Machado.

Outro autor que traz opinião semelhante ao da professora quanto à influência da mídia é Arnaldo (2002). De acordo com ele, muitas vezes pode-se pensar que há uma rivalidade entre mídia e educação e, portanto, a mídia não seria um meio adequado para se educar. No entanto, para o autor, devido às numerosas horas que as crianças passam diante da televisão, é preciso que elas sejam orientadas e desenvolvam uma consciência crítica sobre o que é transmitido.

Dessa forma, com base no exposto pela professora especialista, considera-se que o fundamental é saber aproveitar o que a mídia dispõe, seja para atribuir valores positivos ou refletir sobre formas de adequação e melhoria. Devido à diversidade de programas acessíveis, há também opiniões diversas sobre a qualidade e o formato de exibição das atrações, por exemplo. Em relação ao público infantil, acredita-se que a mediação dos adultos se faz relevante para que a criança possa aprender a diferenciar e selecionar o programa que possa lhe oferecer informações e conhecimentos, além de estimular, dentre outros fatores, o desenvolvimento da criatividade e personalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia televisiva, mesmo com os avanços tecnológicos, ainda é o meio de comunicação que mais atrai as pessoas no século atual. O alcance da televisão, devido à fácil acessibilidade, faz com que ela seja fonte de grande influência no desenvolvimento e construção de conceitos seguidos pela sociedade. Com o público infantil, observa-se que esse processo se torna ainda mais presente e relevante.

O trabalho, devido à importância e às decorrências da presença da televisão no cotidiano das pessoas, teve como objetivo verificar e analisar as representações sociais de estudantes e profissionais da área da educação quanto à influência da mídia televisiva, especialmente dos desenhos animados, em crianças da educação infantil.

A partir da definição de representações sociais e sua relação com a comunicação social, considera-se as mídias de massa como importantes ferramentas para a construção social de conceitos. Assim como a opinião de determinada pessoa pode ser transmitida para outra e assim sucessivamente, de modo a se formar um pensamento coletivo sobre algum assunto, com a televisão não costuma ser diferente. É possível notar a sua influência ao divulgar uma informação ou veicular uma propaganda. Na maioria das vezes, o que é assistido é imediatamente considerado correto, sem que seja feita uma reflexão crítica sobre a realidade, e repassado para o outro como verdade “absoluta”.

Após realizar a análise dos questionários e entrevistas, com base nos referenciais teóricos pesquisados, a pesquisadora pode perceber que os desenhos e demais programas televisivos, por mais simples que sejam, transmitem informações que atraem a atenção do público infantil. O processo de construção da personalidade tem a televisão como relevante fonte de influência. A identificação com a linguagem, as reações diante de situações semelhantes às fictícias no cotidiano e o vínculo estabelecido com o processo educacional são alguns aspectos refletidos pelas crianças que estão, constantemente, diante dos meios de comunicação e o que eles têm a oferecer.

Especialmente ao serem questionados sobre os aspectos positivos e negativos em relação à presença da mídia televisiva no cotidiano infantil, observou-se que os estudantes do curso de Pedagogia, as professoras atuantes na Educação Infantil e a especialista em Comunicação e Educação apresentam percepções distintas, porém baseadas em representações e experiências sociais. Os estudantes consideraram a violência como o principal fator negativo, enquanto as professoras ressaltaram a baixa qualidade e o incentivo ao consumismo. Já a especialista evitou pontuar os aspectos e comentou que tudo depende da forma como a programação é vista. Se trabalhada de forma correta, é possível relacioná-la em uma dimensão educativa.

No entanto, ressalta-se, como aspecto comum e dentre as diversas problemáticas citadas, a relevância de haver conteúdos educativos apropriados. A programação televisiva, especialmente a direcionada ao público infantil, necessita se aliar à dimensão educativa, a fim de que possa auxiliar no processo de desenvolvimento do ensino e aprendizagem da criança.

A televisão é, portanto, junto com a escola, a família e os demais agentes sociais, importante fonte de influência para o público infantil, que tende a repetir e assimilar o que é visto. Com isso, diante da pesquisa realizada, conclui-se que os educadores, pais e responsáveis necessitam se informar sobre os interesses das crianças para, a partir disso, refletir criticamente junto a elas e evitar que sejam atraídas por programações com pouca qualidade educativa e que não sejam direcionadas à faixa etária adequada.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Após a conclusão do curso de Comunicação Social em 2011, no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB), e o término da graduação em Pedagogia ainda neste ano, acredito que estarei iniciando mais uma etapa importante da minha vida.

Ao optar por cursar as duas faculdades simultaneamente imaginava que enfrentaria algumas dificuldades, mas tinha a certeza de que, no final, o meu esforço seria recompensado. Hoje, posso confirmar o meu pensamento. Sem dúvida, esses quase seis anos em que estive entre a Comunicação Social e a Pedagogia trouxeram grandes ensinamentos, tanto para a minha formação profissional quanto pessoal.

No decorrer das graduações, sempre pensei na possibilidade de unir ambas em alguma forma de trabalho, ou seja, investir na comunicação, especialmente na área do jornalismo, voltada para a educação. Esse objetivo, inclusive, fez com que optasse por cursar diversas disciplinas que interligassem os dois ramos, a fim de que eu pudesse conhecer melhor sobre a atuação simultânea em ambos e a mediação da comunicação na prática pedagógica. Com base nisso, tenho a perspectiva de, em um prazo de dois anos, fazer um curso de especialização que envolva comunicação e educação.

A princípio, pretendo retomar os estudos em língua inglesa e ingressar em um curso específico para concursos. Apesar de as duas graduações possuírem ampla diversidade quanto a setores de trabalho, talvez pela influência familiar e pelas minhas experiências nos estágios realizados, acabei me aproximando do ambiente de serviço público.

Não descarto, também, a possibilidade de trabalhar em veículos de comunicação, assessorias de imprensa, instituições de ensino ou quaisquer outros ramos que envolvam o Jornalismo e / ou a Pedagogia. Acredito que cada trabalho possa trazer experiências valiosas para o meu crescimento profissional, especialmente para adquirir maiores conhecimentos sobre diversas áreas em que os jornalistas e pedagogos atuam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação**. Revista Múltiplas Leituras, 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1169/1181>>. Acesso em: 26/04/2013.

ARNALDO, Carlos A. **Meios de Comunicação: A Favor ou Contra a Educação?** In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.). **A criança e a mídia: imagem, educação, participação**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.

BACCEGA, Maria A. **Comunicação/ Educação: aproximações**. In: BUCCI, Eugênio (org.). **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinquentenário**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BEZERRA, Wagner. **Manual do telespectador insatisfeito**. São Paulo: Summus, 1999.

BEZERRA, Wagner. **O que esperar da TV brasileira**. Disponível no site <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o_que_esperar_da_tv_brasileira>. Acesso em: 15/03/13.

BRASIL. Constituição (1988). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm>. Acesso em: 15/03/13.

BRASIL. Lei n.º 8.977, de 6 de janeiro de 1995. Dispõe sobre o serviço de TV a cabo e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil/leis/L8977.htm>>. Acesso em: 22/03/13.

BRASIL. Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 14/03/13.

BUCCI, Eugênio. **A TV aos 50: criticando a televisão brasileira no seu cinqüentenário.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias: ensaios sobre televisão.** São Paulo: Boitempo, 2004.

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.). **A criança e a violência na mídia.** São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 1999.

CARMONA, Beth. **A participação da criança na televisão brasileira.** In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.) **A criança e a mídia: imagem, educação, participação.** São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.

ELIAS, Eduardo. **Quem cria infantis evita a TV.** In: JUNIOR, Luiz C. P. (org.). **A vida com a TV: o poder da televisão no cotidiano.** São Paulo: Senac, 2002.

FRANCO, Maria Laura P. Barbosa. **Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência.** São Paulo: Cadernos de Pesquisa, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v34n121/a08n121.pdf>>. Acesso em: 26/04/2013.

FUSARI, Maria F. R. **O educador e o desenho animado que a criança vê na televisão.** São Paulo: Loyola, 1985.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

GOMES, Marcos Alexandre de S. **O papel da mídia na difusão das representações sociais.** Rio de Janeiro: Comum, 2001. Disponível em: <<http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/opapel.pdf>>. Acesso em: 26/04/2013.

GÓMEZ, Guillermo O. **O telespectador frente à televisão: uma exploração do processo de recepção televisiva**. São Paulo: Comunicare, 2005.

HILTY, Eleanor B. **De Vila Sésamo a Barney e seus amigos: a televisão como professora**. In: STEINBERG, Shirley R.; KINCHELOE, Joe L. (orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Tradução George Eduardo Japiassú Bricio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

LEITE, Maria. **TV e realidade: Produção social e apropriação pedagógica**. In: PACHECO, Elza D. (orgs.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação: dilemas e diálogos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Senac, 2000.

MONTEIRO, Ana Rita. **O amigo imaginário**. Disponível em: <<http://sociedadepediatrica.blogspot.com/2010/04/o-amigo-imaginario.html>>. Acesso em: 04/04/13.

MOSCOVICI, Serge. **Das Representações Coletivas às Representações Sociais: elementos para uma história**. In: JODELET.D.(org). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EdURJ, 2001.

NETTO, Samuel Pfromm. **Telas que ensinam. Mídia e aprendizagem: do cinema às tecnologias digitais**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

NUNES, Vera. **Pra gente grande entender melhor a criança**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedade: a contribuição de Serge Moscovici**. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200014>. Acesso em: 20/05/2013.

PACHECO, Elza D. **Televisão, Criança, Imaginário e Educação**. São Paulo: Papyrus, 1998.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PATRIOTA, Lúcia Maria. **Teoria das Representações Sociais**: contribuições para a apreensão da realidade. Serviço Social em Revista, 2007. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v10n1_lucia.htm>. Acesso em: 20/05/2013.

ROSENBERG, Bia. **A TV que seu filho vê: como usar a televisão no desenvolvimento da criança**. São Paulo: Panda Books, 2008.

SPINK, Mary Jane P. **O conceito de representação social na abordagem psicossocial**. Rio de Janeiro: Cadernos de Saúde Pública, 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.org/pdf/csp/v9n3/17.pdf>>. Acesso em: 26/04/2013.

TÁVOLA, Arthur. **TV, Criança e Imaginário**. In: PACHECO, Elza D. (org.). **Televisão, Criança, Imaginário e Educação: dilemas e diálogos**. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1998.

Apêndices

APÊNDICE A – Termo de Consentimento dos estudantes do curso de Pedagogia



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____, RG _____, CPF _____, autorizo a pesquisadora Juliana Lourenço da Silva Macedo Carvalho da Faculdade de Educação, cujo trabalho de conclusão de curso é denominado “Representações Sociais de Estudantes e Profissionais da Área da Educação sobre o Reflexo da Mídia Televisiva na Educação Infantil”, sob orientação da Prof.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas no questionário, obedecendo aos critérios éticos de pesquisa, onde **assegura-se o total sigilo dos dados pessoais**.

Declaro-me ciente e de acordo com o acima exposto.

Assinatura do Participante

_____/_____/_____

Data

Caso queira conhecer a pesquisa e o seu resultado, favor entrar em contato.

Grata!

Juliana Lourenço da Silva Macedo Carvalho

julianalourenco90@gmail.com

APÊNDICE B – Questionário aplicado com estudantes do curso de Pedagogia

Dados Sociodemográficos:

Idade: _____ Sexo: _____

Curso: _____ Semestre: _____

Experiência com a educação infantil: () Sim () Não Período: _____

Obs.: Caso o espaço destinado para as respostas não seja suficiente, utilize o verso da folha.

1. Você acredita que a mídia influencia no processo educacional infantil? Se sim, de que forma?

2. Quais aspectos você considera positivos e negativos em relação à presença, cada vez maior, da mídia televisiva, especialmente os desenhos animados, no cotidiano infantil?

3. De que forma seria possível integralizar o que é visto na mídia televisiva pelas crianças com as atividades realizadas em sala de aula?

4. O que você acredita que falta na televisão ou nos programas infantis para auxiliar no processo de desenvolvimento das crianças?

APÊNDICE C – Termo de consentimento de educadores atuantes na Educação Infantil



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____, RG _____, CPF _____, autorizo a pesquisadora Juliana Lourenço da Silva Macedo Carvalho da Faculdade de Educação, cujo trabalho de conclusão de curso é denominado “Representações Sociais de Estudantes e Profissionais da Área da Educação sobre o Reflexo da Mídia Televisiva na Educação Infantil”, sob orientação da Prof.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas na entrevista, obedecendo aos critérios éticos de pesquisa, onde **assegura-se o total sigilo dos dados pessoais.**

Declaro-me ciente e de acordo com o acima exposto.

_____/_____/_____

Assinatura do Participante

Data

Caso queira conhecer a pesquisa e o seu resultado, favor entrar em contato.

Grata!

Juliana Lourenço da Silva Macedo Carvalho

julianalourenco90@gmail.com

APÊNDICE D – Roteiro de entrevista de educadores atuantes na Educação Infantil

Nome:

Cargo / Função desempenhada:

Local de atuação:

Tempo de experiência com a educação infantil:

Questões norteadoras:

1. Você acredita que a mídia influencia no processo educacional infantil? Se sim, de que forma?
2. Quais aspectos você considera positivos e negativos em relação à presença, cada vez maior, da mídia televisiva, especialmente os desenhos animados, no cotidiano infantil?
3. De que forma seria possível integralizar o que é visto na mídia televisiva pelas crianças com as atividades realizadas em sala de aula?
4. O que você acredita que falta na televisão ou nos programas infantis para auxiliar no processo de desenvolvimento das crianças?
5. Teria outra questão acerca da relação entre a mídia televisiva e a educação infantil que gostaria de comentar?

APÊNDICE E – Termo de consentimento de professora especialista em Comunicação e Educação



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____, RG _____, CPF _____, autorizo a pesquisadora Juliana Lourenço da Silva Macedo Carvalho da Faculdade de Educação, cujo trabalho de conclusão de curso é denominado “Representações Sociais de Estudantes e Profissionais da Área da Educação sobre o Reflexo da Mídia Televisiva na Educação Infantil”, sob orientação da Prof.^a Teresa Cristina Siqueira Cerqueira, a utilizar-se das informações obtidas na entrevista, obedecendo aos critérios éticos de pesquisa, onde **assegura-se o total sigilo dos dados pessoais**.

Declaro-me ciente e de acordo com o acima exposto.

Assinatura do Participante

_____/_____/_____

Data

Caso queira conhecer a pesquisa e o seu resultado, favor entrar em contato.

Grata!

Juliana Lourenço da Silva Macedo Carvalho

julianalourenco90@gmail.com

APÊNDICE F – Roteiro de entrevista de professora especialista em Comunicação e Educação

Nome:

Cargo / Função desempenhada:

Especialidade:

Local de atuação:

Questões norteadoras:

1. Você acredita que a mídia influencia no processo educacional? Se sim, de que forma?
2. Quais aspectos você considera positivos e negativos em relação à presença da mídia televisiva, especialmente os desenhos animados, no cotidiano infantil?
3. De que forma seria possível integralizar o que é visto na mídia televisiva pelas crianças com as atividades realizadas em sala de aula?
4. O que você acredita que falta na televisão ou nos programas infantis para auxiliar no processo de desenvolvimento das crianças?
5. Como seria possível orientar as crianças quanto à programação adequada para ser assistida?

Anexos

ANEXO I – Artigo 221 da Constituição Federal de 1988

CAPÍTULO V DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Art. 221. A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

- I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;
- II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;
- III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;
- IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família.

ANEXO II – Estatuto da Criança e do Adolescente - Artigos 74, 75 e 76 da Lei n.º 8.069, de 13 de julho de 1990.

TÍTULO III

Da Prevenção

CAPÍTULO II

Da Prevenção Especial

SEÇÃO I

Da informação, Cultura, Lazer, Esportes, Diversões e Espetáculos

Art. 74. O poder público, através do órgão competente, regulará as diversões e espetáculos públicos, informando sobre a natureza deles, as faixas etárias a que não se recomendem, locais e horários em que sua apresentação se mostre inadequada.

Parágrafo único. Os responsáveis pelas diversões e espetáculos públicos deverão afixar, em lugar visível e de fácil acesso, à entrada do local de exibição, informação destacada sobre a natureza do espetáculo e a faixa etária especificada no certificado de classificação.

Art. 75. Toda criança ou adolescente terá acesso às diversões e espetáculos públicos classificados como adequados à sua faixa etária.

Parágrafo único. As crianças menores de dez anos somente poderão ingressar e permanecer nos locais de apresentação ou exibição quando acompanhadas dos pais ou responsável.

Art. 76. As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas.

Parágrafo único. Nenhum espetáculo será apresentado ou anunciado sem aviso de sua classificação, antes de sua transmissão, apresentação ou exibição.

ANEXO III – Quadro: quinze motivos para “ficar de olho” na televisão

1. Imagens levam vantagens: elas nos influenciam;
2. Vantagens vendem produtos: os programas são iscas para atrair compradores;
3. Anos passam na frente da TV: é crescente o aumento do tempo de TV no dia-a-dia das crianças;
4. O abuso de TV gera conseqüências indesejáveis no desenvolvimento da criança e nos adultos;
5. Há sempre “uma boa razão” para ligar a TV, que induz a alto consumo e dependência psicológica;
6. Aprendemos (tanto o que é ruim como o que é bom) a partir do que é apresentado pela TV;
7. Bonitos seduzem, agradáveis atraem e todos ensinam; modelos objetáveis, cultivo de estereótipos negativos, imagens distorcidas ou tendenciosas “ensinam” com eficiência;
8. A TV comercial investe em violência e vulgaridade;
9. Crianças aprendem a ser agressivas com a TV;
10. A TV violenta expande a conduta agressiva na vida real dos indivíduos;
11. A TV é barata, disponível e acessível e tem maiores efeitos nas camadas de baixa renda;
12. Pais entretidos, filhos acrílicos: o consumo leve, moderado ou intenso de TV pela criança depende dos pais;
13. Brasileiros não exigem uma TV de qualidade e são facilmente seduzidos pelo lixo televisual;
14. Na TV brasileira predomina a busca obcecada por dinheiro, com a conivência de governo: “fazemos tudo por dinheiro”;
15. Mas a TV pode ser diferente, exibindo formas positivas de pensar, sentir e agir, modelos construtivos, ensino atraente e inteligente, soluções pró-sociais. Generosidade, amizade, auto-controle, responsabilidade etc. podem e devem ser ensinados nos programas diários da TV.

(ACOSTA-ORJUELA *apud* NETTO, 2011, p. 192)

ANEXO IV – Carta sobre a televisão infantil

CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecilia V. (orgs.). *A criança e a mídia: imagem, educação, participação*. SP: Cortez; Brasília: Unesco, 2002. p. 463.

Carta sobre a televisão infantil

1. As crianças devem ter programas de alta qualidade, feitos especialmente para elas e que não as explorem. Esses programas, além de entreterem, devem permitir que as crianças se desenvolvam física, mental e socialmente ao máximo de seu potencial.
2. As crianças devem ouvir, ver e expressar elas mesmas sua cultura, sua linguagem e suas experiências de vida, através de programas de televisão que afirmem seu senso de identidade pessoal, comunal e nacional.
3. Os programas para crianças devem promover a conscientização e apreço por outras culturas em paralelo com a própria cultura da criança.
4. Os programas para crianças devem ser amplos em termos de gênero e conteúdo, mas não devem incluir cenas gratuitas de violência e sexo.
5. Os programas para crianças devem ser transmitidos em horários regulares nas horas em que as crianças estiverem disponíveis para ver, e/ou devem ser distribuídos através de outras mídias ou tecnologias de fácil acesso.
6. Deve haver disponibilidade de fundos suficientes para que esses programas sejam feitos de acordo com os mais elevados padrões possíveis.
7. Os governos e organizações de produção, distribuição e financiamento devem reconhecer tanto a importância quanto à vulnerabilidade das crianças de um país à televisão, e devem adotar medidas para apoiá-la e protegê-la.